

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

BEATRIZ GOLDENBERG

CATATIMIA

Rio de Janeiro

2010

Beatriz Goldenberg

CATATIMIA

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Fragozo

Rio de Janeiro

2010

G618 Goldenberg, Beatriz
 Catatimia / Beatriz Goldenberg. Rio de Janeiro, 2010.
 30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Radialismo, 2010.

Orientador: Prof. Fernando Fragoso.

1. Cinema – Produção e Direção. 2. Documentário (Cinema). 3. Memória – Aspectos sociais. I. Fragoso, Fernando. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD 791.43

Beatriz Goldenberg

CATATIMIA

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2010

Prof. Dr. Fernando Fragozo, ECO / UFRJ

ECO / UFRJ

ECO / UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Fátima Sobral Fernandes, ECO / UFRJ

**“(...) a História, que deveria ser fundamentalmente objetiva,
vem impregnada do subjetivismo da distorção catatímica”**

(MELLO FILHO; 2006)

RESUMO

GOLDENBERG, Beatriz. **Catatimia**. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

Neste relatório está descrito todo o processo de realização do documentário *Catatimia*, desde a concepção da obra até sua finalização, analisando em detalhes as fases de pré-produção, produção e pós-produção. Trata-se de um filme média-metragem, no qual foram entrevistadas dez pessoas, cada uma nascida em uma das últimas décadas, de 1910 a 2000. O objetivo dessa obra é observar, através do depoimento desses dez personagens sobre sua história de vida, as mudanças e semelhanças ao longo da história, a partir da singularidade de cada um.

ABSTRACT

GOLDENBERG, Beatriz. **Catatimia**. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

On the present report is described the complete process of the making of the documentary *Catatimia*, since the conception of the work until its finalization, thoroughly analyzing the pre-production, production and post-production steps. It is a medium length feature movie, in which ten people, each born in one of the last decades, from 1910 until 2000, were interviewed. The aim of this work is to observe, through their statement on their lives, the changes and similarities throughout history, as seen by each one's perspective.

CINEMA, SHORT LENGTH VIDEO, EXPERIMENTAL PROJECT

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	Contexto Do Trabalho	09
1.2	Objetivo	09
1.3	Justificativa Da Relevância	10
1.4	Organização Do Relatório	10
2	PRÉ-PRODUÇÃO	11
2.1	Desenvolvimento Do Produto Audiovisual	11
2.1.1	Público	11
2.1.2	Concepção da Obra	11
2.1.3	Aquisição de Direitos	13
2.1.4	Infra-estrutura	14
2.1.5	Seguros	14
2.1.6	Orçamento	14
2.1.7	Fontes de Financiamento	14
2.2	Roteiro	14
2.3	Planejamento e Organização das Filmagens	15
2.3.1	Definição da Equipe Técnica	15
2.3.2	Definição do Elenco	17
2.3.3	Definição das Locações	18
2.3.4	Calendário das Reuniões Gerais de Produção	18
2.3.5	Cronograma de Filmagem	18
3	PRODUÇÃO	19
3.1	Direção	19
3.2	Produção	19
3.3	Direção De Fotografia	19
3.4	Direção De Arte	20
3.5	Som	20
3.6	Gravação	20
4	PÓS-PRODUÇÃO	23
4.1	Edição De Imagem	23
4.2	Edição De Som	24
4.3	Finalização	24
4.4	Distribuição	24
4.5	Exibição	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de autorização de imagem	27
APÊNDICE B – Lista de Material	28
APÊNDICE C – Orçamento	29
APÊNDICE D – Cronograma de Filmagem	30

1 INTRODUÇÃO

O projeto deste filme foi desenvolvido como uma oportunidade de aplicar conhecimentos de direção, produção e edição audiovisual estudados durante o período universitário, além de permitir a investigação de um tema que já despertava a minha curiosidade, que é a multiplicidade da vida humana a partir de suas particularidades.

Ele veio como uma oportunidade de transformar dois interesses, o do cinema e o de histórias pessoais, em uma única obra concreta. Foi feito assim um documentário baseado em histórias de vidas de pessoas comuns. Vidas essas que, sempre que observadas com curiosidade, se revelam nada ordinárias.

1.1 Contexto do Trabalho

O projeto foi desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social na habilitação Radialismo. A decisão de um produto audiovisual foi feita por ser esse o meu maior interesse durante o período universitário. A escolha da duração de média metragem surgiu ao longo do desenvolvimento do projeto. Conforme foi se dando a pesquisa, foi se mostrando que tipo de conteúdo teria para o resultado final.

Por se tratar de um filme universitário independente, com recursos financeiros próprios, algumas decisões de produção foram tomadas com certas limitações, para as quais procurei sempre a melhor alternativa dentro das possibilidades. Os recursos audiovisuais mais importantes nessa obra foram o áudio e a edição, para que a compreensão fosse fácil e a dinâmica das dez entrevistas, um número alto, fluísse.

1.2 Objetivo

O objetivo deste projeto experimental foi produzir um documentário de entrevistas, em formato digital. Foram selecionados dez personagens, cada um nascido em uma década diferente, desde 1910 até 2000. Com cada um deles foi gravada uma conversa na qual contavam sua história de vida. Procurei fazer as entrevistas de forma a deixar os personagens confortáveis, buscando naturalidade em suas falas, essencial para que o documentário ficasse interessante e gerasse simpatia no espectador.

1.3 Justificativa da Relevância

Ao explorar a pluralidade das histórias de dez diferentes pessoas, podemos entrar em contato com a realidade de todo um século. A partir deste documentário, é possível conhecer diferentes valores, perpassados por diferenças sociais, geográficas, culturais, econômicas, além de etárias.

Traçando um perfil de cada entrevistado, o documentário permite ao espectador fazer relações entre seus discursos, suas diferenças e similitudes. Além de possibilitar ao espectador tirar suas próprias conclusões acerca das diferentes realidades retratadas no filme, acredito ser interessante a produção de uma reflexão acerca de nossa própria realidade.

1.4 Organização do Relatório

O relatório foi organizado de forma a expor todos os aspectos da concepção e produção da obra. Ele está dividido nas fases de pré-produção, produção e pós-produção, explicitando as decisões tomadas e a função de cada membro da equipe no processo. Escrevo em primeira pessoa pois se trata de um trabalho autoral, cuja concepção e grande parte de seu processo de realização partiu de decisões minhas. A escrita em primeira pessoa, ainda, se justifica dentro do contexto do filme, que explora as narrativas a partir da perspectiva de cada um, fugindo de uma pretensa neutralidade. Considerando que neste trabalho busco justamente mostrar que não há uma realidade única, objetiva, e sim várias verdades, de acordo com a subjetividade de cada um, penso que uma escrita impessoal seria contra o fundamento do meu trabalho.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

Durante o período de pré-produção busquei estruturar o filme e suas diretrizes. Apesar de não contar com um roteiro preciso, elaborei a linha que desejaria seguir, para ser assim possível direcionar as entrevistas.

2.1 Desenvolvimento do Produto Audiovisual

O desenvolvimento do projeto do documentário foi calcado na concepção da obra e na escolha dos personagens. Por ser baseado em entrevistas, foi muito importante ter em mente o que se queria tirar de cada uma delas, para que as gravações ocorressem da melhor forma possível. É a partir da história trazida por cada personagem que pode ser montado o roteiro. Para que o resultado final seja interessante, é preciso uma matéria prima rica e diversa.

2.1.1 Público

O filme não possui um público alvo restrito. Ele se destina a curiosos sobre a vida e o mundo, pessoas que gostem de ouvir histórias, sem restrição de idade, profissão ou nacionalidade.

2.1.2. Concepção da Obra

A idéia surgiu no período em que fazia um trabalho como assistente de edição para uma campanha do governo, na qual pessoas diversas contariam suas experiências positivas com um de seus programas de apoio. Após um dia inteiro limpando entrevistas em uma pesquisa de personagens, fui dormir pensando como cada pessoa daquelas tinha uma história de vida interessantíssima e singular. Doeu pensar que toda aquela potencialidade seria reduzida a uma campanha política, na qual cada pessoa falaria do mesmo tema específico. Aquelas histórias tinham muito mais a contar. Elas eram uma vida inteira, fosse ela de 80, 50 ou 10 anos.

Pensando em tudo isso, veio a lembrança de um pedido de um amigo: fazer um documentário sobre a história de vida de sua avó, que era muito interessante. Como se tratava de uma senhora idosa, era importante que não demorássemos muito para fazê-lo, para não corrermos riscos da história se perder. Com a proximidade do projeto final, pensei em juntar essa crescente vontade de produção com a necessidade acadêmica de produzir. Nessa mesma noite, a idéia chegou já pronta na cabeça. Juntar personagens que teriam em

comum, inicialmente, apenas uma diferença etária. A partir dessa junção, surgiriam pontos comuns, pontos diferentes, pontos comuns em suas diferenças.

Seriam ouvidas histórias de pessoas nascidas em cada uma das últimas décadas, a partir de 1910 até 2000. Dessa forma, seria possível perceber como algumas coisas permanecem as mesmas ao longo da história e como outras mudam completamente. A idéia era ver, também, como alguns fatos históricos, comuns a vários dos personagens, foram marcantes de maneiras diversas na vida de cada um deles.

Assim, seria feito um passeio pela história do século através de olhares particulares, histórias pessoais e idiossincrasias. O objetivo foi não tratar de um tema específico, mas de vidas inteiras de pessoas comuns, que gostam de contar histórias.

Não é possível deixar de lado na concepção desse projeto o imenso prazer que tenho em ouvir e contar histórias, sejam elas atuais ou lembranças. Foi esse o motor da realização do projeto.

O título surgiu nessa fase. Ao contar a idéia para o meu pai, psiquiatra, ele sugeriu o nome Catatimia. Trata-se de um termo psiquiátrico, onde o sujeito, tomado por suas emoções, distorce a sua percepção de realidade. Citando Nobre de Melo, importante referência no estudo da psicopatologia, "(...) *há que contar com outro fator influente, isto é, com a ação deformadora, inelutável, da catatimia, tendência afetiva que unilateraliza involuntariamente a nossa visão da realidade*"¹. Na psiquiatria essa palavra é em geral usada para pacientes graves, que têm uma distorção exagerada, que os tira completamente da noção de realidade. No entanto, o sentido que utilizei ao escolher essa palavra como título do filme é o de Nobre de Mello, mostrando que toda e qualquer realidade vai ser repleta de subjetividade, sempre diferente de acordo com a percepção de quem a vive. Ainda no livro de Nobre de Melo, cito aqui uma história ilustrativa: "*Conta-se que o lendário Sir Walter Raleigh escrevia certa noite, na Torre de Londres, a segunda parte de sua magnífica História da Civilização, quando, em dado momento, vem a ocorrer um incidente e tumulto na viva pública, que ele próprio tivera oportunidade de presenciar do alto da Torre, em todos os seus pormenores. Qual não fora, porém, o seu espanto, quando, ao comparecer na manhã seguinte à polícia, para prestar seu depoimento voluntário veio a verificar que os relatos das demais testemunhas não coincidiam inteiramente entre si, nem mesmo com o dele próprio, em vários pontos importantes. Abalado com isso, Sir Walter Raleigh pôs-se a*

¹A. L. Nobre de Melo, pg 402, vol 1,

refletir em que, afinal, se sobre fato tão simples, ocorrido na véspera, aos seus olhos, podia haver tantas opiniões discordantes, que pensar então da veracidade dos acontecimentos históricos, passados há milênios e sem testemunhas oculares? Ato contínuo a essa conjectura, diz-se que arremessara ao fogo os seus manuscritos, como era de esperar, motivo por que só a primeira parte de sua História chegou ao conhecimento dos pósteros.”

A idéia do projeto, assim como seu formato, não foram baseadas em nenhum outro filme ou diretor conhecido. No entanto, tudo que assistimos acaba por influenciar nossa forma de criar e pensar. Nesse sentido, poderia dizer que uma influência seriam os filmes de Eduardo Coutinho, que possuem um estilo similar ao escolhido por mim. Cito em especial o filme Edifício Master, que se assemelha pela escolha de personagens, que não são ligados por um tema específico nem se relacionam. A única coisa que têm em comum é o prédio onde moram. Da mesma forma, o que une meus personagens é o fato de cada um ter nascido em uma década diferente, sendo esse o fio condutor da narrativa.

2.1.3 Aquisição de Direitos

A aquisição de eventuais direitos do filme foi pensada cuidadosamente para que não houvesse impedimentos em eventuais exposições em festivais ou cineclubes.

a) Direitos do Roteiro

As diretrizes do filme nortearam o roteiro, contudo, o roteiro final só foi construído na ilha de edição, com o material capturado. Trata-se de um roteiro original, portanto não foi necessária aquisição de direitos.

b) Direitos de Imagem

Todos os personagens do filme cederam livremente sua imagem e voz para a realização do filme, em qualquer uma de suas possíveis exposições. Os menores de idade tiveram a imagem autorizada pelos respectivos pais / responsáveis. A cópia da autorização de imagem encontra-se no apêndice A.

c) Direitos Musicais

A trilha sonora foi criada pela banda Baile Convulsão, composta por amigos, que cederam gratuitamente os direitos de uso de suas músicas. A canção escolhida foi Hai Kai.

d) Agenciamento do Elenco

A escolha de personagens foi feita por mim. O primeiro passo foi encontrar pessoas de cada década. A partir do que foi encontrado, foi feita uma análise da história de vida de cada um. Vi quais histórias trariam um conteúdo interessante e diferente para o filme, pensando também na possibilidade de complementação entre elas. Foi analisado também a desenvoltura do discurso e disponibilidade de dar a entrevista. Coube a mim conversar com cada um deles, explicar o projeto e agendar as entrevistas.

2.1.4 Infra-estrutura

A descrição dos equipamentos utilizados pela fotografia e pelo som direto encontra-se no apêndice B.

2.1.5 Seguros

Não foi necessária a contratação do serviço de seguro, pois a responsabilidade pelo seguro dos equipamentos ficou a cargo da equipe.

2.1.6 Orçamento

O orçamento pode ser encontrado no apêndice C.

2.1.7 Fontes de Financiamento

Buscou-se o máximo de economia dentro das demandas do filme. Os membros da equipe trabalharam gratuitamente e a câmera utilizada foi cedida por um amigo. Os personagens participaram voluntariamente, sem honorários, e não houve aluguel de locação, visto que as entrevistas foram realizadas nas casas de cada um. Esses fatores permitiram que o filme fosse realizado com recursos próprios, que cobriram transporte, alimentação e aluguel de equipamentos de luz e som.

2.2 Roteiro

O roteiro foi elaborado na ilha de edição, a partir do material obtido nas entrevistas. Busquei juntar os temas que se relacionavam, como experiências escolares, relação com televisão, namorados / maridos, ditadura militar, entre outros, e a partir daí pude criar uma linha narrativa. O processo de construção do roteiro está explicado em mais detalhes na descrição do processo de edição.

2.3 Planejamento e Organização das Filmagens

Ao estruturar as entrevistas, optei pelo estilo de entrevistas abertas, para dar bastante liberdade para o personagem. Não programei nenhuma pergunta específica, a idéia eram temas abrangentes, dos quais poderiam surgir as mais diversas lembranças. Dessa forma, a entrevista ia se modificando de acordo com as histórias que iam sendo contadas.

O planejamento contava com uma seleção de temas e alguns pontos específicos dentro de cada um deles. Assim, começava a entrevista perguntando nome e data de nascimento de cada um deles. Em seguida, pedia que me contasse de sua infância: onde nasceu, brincadeiras que gostava, músicas que cantava, etc. A ordem da entrevista variou de acordo com cada história, mas entre as perguntas estavam os temas: escola, primeiro namorado / como conheceu o marido, quando viu TV pela primeira vez / o que gosta na TV, projetos para o futuro. Dessa forma, fui seguindo na vida de cada um, adaptando novas perguntas às histórias que me eram contadas, permeando questões de profissão, política, economia, família, tecnologia, etc.

A organização das filmagens foi feita a partir da disponibilidade da equipe e dos personagens. Como a maior parte das pessoas trabalhava durante a semana, optei por gravar nos finais de semana. O objetivo inicial era fazer duas entrevistas por dia. Sendo dez entrevistas, completaríamos as gravações em três finais de semana.

Contudo, esse cronograma foi sendo adaptado às circunstâncias que apareceram ao longo da produção. Alguns entrevistados cancelaram o encontro na data marcada por imprevistos que ocorreram e fomos obrigados a remarcar.

Ainda, por motivos pessoais, o cinegrafista que iniciou o projeto comigo não pôde concluí-lo. Como foi uma notícia inesperada e com pouca antecedência, fui obrigada a cancelar entrevistas já programadas para aquele final de semana até decidir como resolveria essa situação.

Dessa forma, foram quatro finais de semana de gravação, em um período de cinco semanas.

2.3.1 Definição da Equipe Técnica

Optei por uma equipe concisa, pois iríamos entrar na casa das pessoas e não queria que elas se sentissem invadidas. Era muito importante que elas ficassem confortáveis para falar naturalmente.

Dessa forma, a equipe de gravação contaria inicialmente com a diretora, um assistente de direção, um fotógrafo e um técnico de som. O objetivo era chamar pessoas próximas, amigas, que pudessem ajudar umas as outras caso houvesse necessidade.

Infelizmente, não consegui encontrar um técnico de som. Conversei com algumas pessoas, porém, como técnico de som não é a coisa mais simples de se encontrar, todos estavam ocupados e não puderam participar do projeto. Como o áudio do filme não seria muito complicado, pois seria apenas uma pessoa falando, parada, em ambiente fechado, resolvi alugar uma lapela, microfone mais adequado para esse tipo de gravação, e instalá-la eu mesma. A monitoração foi feita pelo fotógrafo.

Como assistente de direção chamei Matheus Ramalho, ex-aluno da Escola de Comunicação da UFRJ, que se interessou pelo projeto desde a primeira vez que ouviu a idéia. Com seu entusiasmo, dedicação, disponibilidade, atenção e experiência, o filme saiu do papel. Por sermos muito próximos e por ele acreditar no projeto, foi peça fundamental no andamento do filme, trazendo uma atmosfera boa aos dias de gravação e pensando junto formas de solucionar as questões que surgiam.

A fotografia foi assumida por José Eduardo Limongi, amigo da equipe e profissional nessa área. Convidei-o pois conhecia e admirava seu trabalho e ele dispunha de câmera própria, o que facilitava muito o processo. Contudo, como já foi explicitado, após o primeiro final de semana de gravação ele percebeu que não possuía o tempo necessário para continuar no projeto, pois estava envolvido com muitas coisas no momento, mas continuou disponibilizando a câmera para as gravações.

Procurei durante um tempo um novo cinegrafista para substituí-lo e, depois de uma pesquisa, o assistente de direção Matheus assumiu essa função, pois contava com alguma experiência e deu excelente continuidade ao trabalho iniciado.

A edição ficou sob minha responsabilidade. Como a edição possui papel fundamental na definição de roteiro e diretrizes desse filme e por ser uma área que me interessa profundamente, optei por fazer a montagem eu mesma. O trabalho foi feito na minha casa, onde há uma pequena ilha de edição.

Os processos de finalização, correção de cor e trabalho de áudio ainda não foram realizados.

2.3.2 Definição do Elenco

Para que o documentário ficasse interessante e agradável de assistir, era necessário encontrar pessoas que tivessem uma história de vida rica e desenvoltura no discurso. Precisava de uma pessoa de cada década.

A primeira personagem a ser decidida estava escolhida desde o princípio. Era a avó do meu amigo, citada na concepção do projeto. D. Maria, da década de 1920, abraçou o projeto rapidamente e participou com carinho e animação.

Uma personagem que quis chamar logo no início também foi a Suely, da década de 1960. Ela havia sido minha empregada doméstica, e saiu de minha casa para fazer faculdade na PUC aos 40 anos. Durante os 10 anos que estive lá criamos uma relação de amizade muito forte e a sempre tive admiração por sua história, além de um enorme carinho. Suely concordou prontamente em participar do projeto, fala com muito orgulho de suas dificuldades e vitórias.

Em seguida, conversei com meus primos, pais de uma menina de oito anos extremamente criativa, inteligente e extrovertida. Apesar de uma pequena insegurança dos pais quanto à exposição da filha, após a explicação do projeto eles ficaram contentes com a participação dela. Ana, da década de 2000, ficou animadíssima.

Logo depois foi definido o personagem da década de 1950. Para essa ficou a minha mãe, Lucila, que não se contentou em ajudar no filme com seu incentivo e opiniões, mas quis ter uma participação mais ativa. Inicialmente houve uma preocupação de trabalhar com um membro da família tão próximo, mas após um teste, uma entrevista fictícia, vi que não teria problemas.

As escolhas dos personagens das décadas de 1940 e 1930 vieram de sugestões da minha irmã, Fernanda Goldenberg, que sugeriu Solange e Jorge. Solange trabalha com ela e Jorge é o padasto de um amigo. Ambas as sugestões foram extremamente pertinentes e geraram entrevistas maravilhosas. Tanto Solange quanto Jorge foram muito solícitos e participaram com o maior prazer.

Comentando com um amigo sobre o projeto, soube que seu avô era nascido na década de 1910. Fiquei muito contente com essa possibilidade, pois não imaginava encontrar algum personagem dessa década. No entanto, no momento dessa conversa o projeto ainda estava em uma fase muito inicial. Quando chegou a hora de produzir, infelizmente, seu avô havia passado por uma cirurgia e não estava mais em condições de dar uma entrevista.

Após ter tido a possibilidade de um personagem em seus 90 anos, não poderia deixar isso de lado sem uma busca. Como não conhecia ninguém num círculo próximo dessa faixa etária, a solução foi fazer uso da tecnologia. Coloquei na rede social *Facebook* que estava buscando isso e algumas pessoas vieram oferecer parentes ou conhecidos. Analisei as possibilidades e escolhi a Dona Mitzi, uma alemã que adora contar histórias.

Para a década de 1970, inicialmente, tentei falar com o filho da faxineira de um amigo, que cresceu no programa *Nós do Cinema* e hoje em dia é assistente de direção. Contudo, ele estava muito atarefado, trabalhando em campanhas políticas, e não tinha disponibilidade de tempo. Nessa mesma época, conversando com o motorista da empresa onde trabalho, comentei sobre o projeto. Ele, Reginaldo, rapidamente se ofereceu como personagem dessa década e dúvidas não havia sobre sua história de vida, que ele conta com o maior prazer, principalmente sobre seus anos como taxista no Rio de Janeiro.

Por fim, faltavam as décadas de 1980 e 90, que, por ter tanta opção, acabou sendo complicado decidir. Para a década de 1980 falei com a Paula, irmã de uma amiga, que, além de ter um estilo de vida alternativo e bem contemporâneo, teve uma filha há pouco tempo. Ceci, sua filha, ficou como representação da mais nova geração, que ainda não pode nos dar relatos de sua existência, mas começa a dar os primeiros passos para construí-la.

E, para 1990, chamei João, irmão de uma amiga, que apesar de sua timidez concordou com muita prontidão em participar e era muito pertinente ao projeto por ser um excelente representante da infância moderna.

2.3.3 Definição das Locações

Todas as entrevistas foram gravadas nas casas dos personagens, para deixá-los o mais confortável e natural possível. A única exceção foi a entrevista de Reginaldo. Como ele trabalhou sua vida inteira como motorista, seja de táxi ou particular, achei interessante colocá-lo dentro de um carro, pois é o ambiente onde passa a maior parte de seu tempo e onde costuma gostar de contar suas histórias.

2.3.4 Calendário das Reuniões Gerais de Produção

Como a equipe do projeto foi muito pequena, não houve reuniões gerais de produção.

2.3.5 Cronograma de Filmagem

O cronograma de filmagem se encontra no apêndice D.

3 PRODUÇÃO

A produção do documentário foi a etapa de realização e gravação das entrevistas. O processo ocorreu de forma tranqüila, apesar de alguns atrasos ao planejamento de gravação inicial do projeto.

3.1 Direção

A direção foi feita por mim e pelo assistente Matheus. Juntos, definimos as diretrizes do projeto e discutimos sobre a melhor forma de condução das entrevistas.

Nos dias de gravação, as entrevistas foram levadas por mim, com pequenas inserções dele quando julgado pertinente.

3.2 Produção

A produção do projeto foi feita por mim. Ficou sob minha responsabilidade o agendamento de entrevistas, para o qual foi necessário coordenar a disponibilidade de cada personagem e da equipe. O aluguel da lapela foi feito através do contato com uma amiga que possui um equipamento de qualidade e costuma alugá-lo.

Após a definição pelo fotógrafo do equipamento de luz, aluguei-o com um fornecedor passado por ele e me responsabilizei por buscá-lo, devolvê-lo e fazer os pagamentos.

Para a alimentação, foram escolhidos restaurantes próximos aos locais da entrevista onde a equipe pôde almoçar. O transporte da equipe foi feito pelo meu carro e eventuais táxis foram cobertos pelo orçamento do filme.

3.3 Direção de Fotografia

O conceito da direção de fotografia foi escolhido pelo fotógrafo inicial, José Eduardo. A idéia foram planos fixos, com exceção da criança, que precisava de mobilidade para andar pela casa e mostrar seus brinquedos. Optamos por câmera na mão em sua entrevista para permitir maior mobilidade e, com isso, dar a ela maior liberdade. Os demais planos foram fixos com variações de zoom. Como os entrevistados estavam sentados enquanto contavam sua história, não sentimos necessidade de variar os planos. Até porque, uma grande variação poderia dificultar o processo de edição.

Aluguei um equipamento de luz, contudo, na maior parte das entrevistas utilizamos a luz natural, que foi suficiente, acrescentando rebatedores.

Após a saída de José Eduardo, Matheus seguiu o padrão estabelecido por ele, mantendo assim a unidade do filme.

3.4 Direção de Arte

O filme não contou com direção de arte. Buscamos escolher os ambientes mais apropriados na casa das pessoas, procurando uma composição bonita que combinasse com o estilo do personagem. Retiramos alguns objetos que acreditamos não combinar com o plano e optamos por deixar outros, como o bonequinho atrás da Solange. Contudo, pelo estilo de documentário, não julgamos necessário um planejamento detalhado.

3.5 Som

O som do filme foi uma grande preocupação, pois, como se tratavam de entrevistas, era crucial que elas fossem bem compreendidas. No entanto, não era uma captação complexa. Busquei diversos operadores de som e, ao obter respostas negativas de todos, por falta de disponibilidade, decidimos operar nós mesmos.

Foi alugada uma lapela para o entrevistado e o monitoramento feito através da câmera, pelo cinegrafista.

3.6 Gravação

O primeiro final de semana de gravação foi nos dias 11 e 12 de setembro de 2010. Para a primeira entrevista, fui com a equipe para a casa de Suely, da década de 60. Tivemos algum atraso no cronograma, pois ela mora na Rocinha e o acesso à sua casa com equipamentos foi mais demorado que o previsto. Essa entrevista foi muito longa, por diversos fatores: Se tratava da primeira entrevista do filme, e, como tinha um planejamento de condução muito amplo, não quis filtrar muito os temas, pois ainda não sabia como seriam as outras. Ainda, Suely tem uma vida muito complicada, com muitas reviravoltas e acaba sendo um pouco prolixa ao contá-la. Com as dificuldades do deslocamento e as longas horas de gravação, a equipe ficou um pouco cansada. Contudo, após um almoço, já estávamos montando a segunda entrevista do dia.

Conversei, então, com Lucila, de 1950, minha mãe. A entrevista correu tranquilamente, mas ainda não estava muito confortável na posição de entrevistadora. Minha inibição e inexperiência dificultou as entrevistas iniciais. Foi apenas na 3^a entrevista que o meu papel começou a ficar mais claro em minha cabeça.

No domingo, dia 12, fomos de manhã para a casa do Jorge, de 1930. Sua entrevista foi também muito extensa, pois em seus 72 anos de vida juntou excelentes histórias. No entanto, apesar do longo período de gravação, não ficamos tão cansados como no dia anterior, pois o restante do dia foi tranquilo e as dificuldades de acesso de ida e volta foram muito menores. Saí muito contente com o material captado e almoçamos em um restaurante próximo, que também era próximo da entrevista seguinte. Fomos, então, para a casa de Ana, de 2000. A entrevista foi curta, pois teve apenas 8 anos de vida para acumular experiências, mas sua desenvoltura e criatividade nos rendeu um excelente material, incluindo histórias e vídeos que criou.

O segundo final de semana estava previsto para dos dias 18 e 19 de novembro. No entanto, na 6ª feira anterior, o fotógrafo José Eduardo nos avisou que não poderia continuar com o projeto por motivos pessoais. Por ter um tempo muito curto para solucionar esse problema, optei por adiar as entrevistas marcadas, que foram remarçadas para o final de semana seguinte.

Nos dias 25 e 26 fizemos três das quatro entrevistas previstas. No sábado, 25, começamos com a entrevista de Solange, de 1940. Essa foi leve e tranquila, não nos desgastou muito e rendeu bastante. Após um almoço, fomos para a casa de Mitzi, de 1910. Nesta entrevista encontramos algumas dificuldades, pois se tratava de uma mulher muito idosa, que não nos conhecia. Ao chegarmos, ela apresentou uma certa resistência em participar. Para não assustá-la, optamos por usar o mínimo de equipamento possível e incomodá-la muito pouco no processo de colocar a lapela, mesmo que isso implicasse em deixar o fio à mostra. Por sua dificuldade auditiva, tive que me sentar muito perto dela, o que fez com que seu olhar ficasse para o lado em partes da entrevista. No entanto, apesar das dificuldades iniciais, rapidamente conquistei sua confiança. A entrevista foi extremamente satisfatória e Dona Mitzi um doce.

A primeira entrevista de domingo, dia 26, foi com Paula, de 1980. Toda a conversa fluiu tranquilamente e saímos encantados com as cenas feitas com sua filha, Ceci. A segunda entrevista do dia, com Maria, de 1920, foi remarçada a pedido de sua família, que por um imprevisto não estaria mais disponível no horário programado. Marquei, então, as três entrevistas restantes para o dia 02 de outubro. Seria um dia mais puxado, mas pelo que observara dos últimos dias de gravação, não seria um problema.

Infelizmente, o primeiro entrevistado do dia, Reginaldo, de 1970, cancelou na sexta feira anterior. Ainda, na noite dessa mesma sexta feira, soube que a câmera não estava

funcionando, portanto não poderia usá-la. Na manhã de sábado consegui alugar uma nova câmera, semelhante a que estávamos usando, mas perdi a manhã no processo de encontrar uma câmera nova e não pude comparecer na entrevista prevista para esse horário, de João, de 1990, que foi remarçada. Assim, nesse dia foi realizada apenas a entrevista de Maria. Apesar de ter sido essa a entrevista idealizadora do projeto, Maria é um pouco confusa na narração. Sua história, muito interessante, foi contada de forma desorganizada. Como seu neto estava presente, diversas histórias importantes e divertidas foram lembradas, trazendo um bom material para a edição. O dia 03 de outubro, por ser dia de eleições, não teve gravações.

O último dia foi 11 de outubro. Nesse dia fizemos a entrevista com Reginaldo, de 1970, que correu bem, mas teve que terminar mais cedo, pois o compromisso que ele tinha no dia havia sido mudado para mais cedo. Apesar do imprevisto, soubemos aproveitar o tempo que dispúnhamos e fizemos uma bela entrevista. Após o almoço, fomos para a casa de João, de 1990. Sua timidez dificultou o processo da entrevista aberta, pois respondia sempre em frases curtas. Nesse momento, fui obrigada a me adaptar à situação e fazer perguntas bem específicas para que conseguisse o material que desejava. Com essa entrevista concluímos a fase de gravações.

Ao longo dessa fase fui entendendo melhor como entrevistar. No início, não me sentia à vontade para me colocar, incitar um assunto, ou até mesmo pedir para repetir em mais detalhes algo que achei que não ficou claro. Mas conforme fui ganhando experiência, esse processo se deu com muito mais facilidade.

4 PÓS-PRODUÇÃO

4.1 Edição de Imagem

A edição do filme foi feita de acordo com o material obtido nas entrevistas. Como contava com mais de treze horas de gravação, o primeiro passo foi fazer uma grande limpeza de material, reduzindo cada entrevista para aproximadamente um terço de seu tamanho original. Durante esse processo foi feita uma decupagem do material selecionado.

A partir daí, busquei encontrar o formato que o filme seguiria. Para tal, fiz alguns testes. Não havia decidido se organizaria o filme por ordem cronológica ou temática, nem de que forma inseriria cada personagem. Após analisar as possibilidades junto com o assistente Matheus, optei por uma linha de montagem. Os temas foram agrupados e a ordem se deu de acordo com as possíveis transições que surgiam entre eles, iniciando com a infância. A apresentação dos personagens foi colocada logo no início, onde cada um se apresenta. Achei que isso seria uma forma de mostrar ao espectador todos os personagens, que são muitos, e indicar que a data de nascimento era um tema importante no filme. Para essa percepção, ainda, acrescentei os nome com data de nascimento no início e no final do filme, com maior destaque para a década no final. Após essas definições, as imagens foram sendo selecionadas e postas em ordem.

A cada grande avanço do trabalho, gravei um DVD com o material que possuía para assistir fora do computador, o que me permitiu uma visão como espectadora, e não tanto como editora. Cada vez que assistia, fazia anotações do que gostava e não gostava, para em seguida modificá-las.

Quando já contava com um corte mais estruturado, dei cópias para amigos próximos, que estavam interessados no projeto, para ouvir suas opiniões. Acredito que é de extrema importância num processo de edição escutar as impressões de pessoas que não estão tão envolvidas com o projeto, para ver como elas percebem o vídeo. Isso se provou, de fato, muito produtivo. Os comentários que escutei foram bastante pertinentes e me ajudaram a melhorar a montagem do filme.

Após ter a estrutura montada, trabalhei para enxugar o filme, de forma a deixá-lo com mais fluência, o que o torna mais interessante para o espectador. Por fim, foi escolhida a música e foram elaborados os créditos.

4.2 Edição de Som

O som do filme foi mantido como capturado, pois não há diálogos nem sons de ambiente ou de fundo, apenas uma pessoa por vez. Foi feito um pequeno ajuste de equalização e transições.

A trilha sonora foi colocada apenas em momentos de créditos e foi escolhida pensando no tom do filme e na leveza que gostaria de passar. Por não ter o objetivo de passar alguma idéia concreta com a trilha, optei por uma música instrumental. A música escolhida foi *Hai Kai*, da banda Baile Convulsão, banda de amigos meus que ofereceram o uso gratuito de suas composições. Foi escolhida pois é uma música leve, mas animada. Ainda, nessa música há um violoncelo, instrumento que julguei pertinente pois, além se sua beleza, é o instrumento musical que mais se aproxima à voz humana, maior artifício usado no filme.

4.3 Finalização

O filme será submetido a um processo de correção de cor, pois algumas imagens destoam muito uma das outras, e tratamento de som, para eliminar eventuais ruídos da câmera que foram captados, ou sons de fundo que possam incomodar. Optei por fazer isso posteriormente, pois acredito que após o encontro com a banca avaliadora terei novas opiniões sobre possíveis melhoras no filme. Farei essas correções após as modificações que possam surgir, para assim ter o filme pronto para inscrições em festivais e outras divulgações.

4.4 Distribuição

A distribuição do documentário será trabalhada após a finalização completa de sua montagem. Iniciarei com inscrições em festivais e, dependendo da repercussão, pensarei em outras possibilidades. Será dada preferência a festivais de documentários e festivais com categorias para novos diretores.

4.5 Exibição

A exibição se dará de acordo com o aceite do filme nos festivais inscritos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto foi, acima de tudo, um grande desafio. Trata-se do meu primeiro documentário, além de ser a produção mais longa com a qual já me envolvi. Houve, ainda, um grande envolvimento emocional. Por ser um projeto com concepção e realização próprias e cuja responsabilidade recaía bastante sobre mim, houve um grande desejo de ver a obra pronta, mas também uma grande pressão durante todas as partes do processo. Para completar, a obra representa também um marco de transição da vida de estudante para a vida profissional.

Ao longo do desenvolver do projeto, pude perceber diversos sinais do meu crescimento em relação a projetos anteriores durante a faculdade. A forma como lidei com imprevistos durante a gravação demonstrou maturidade. Mesmo diante de situações nas quais a continuidade do projeto foi ameaçada, foi mantida a calma e encontrada a melhor solução possível para o problema.

Houve também muita aprendizagem durante o processo. Cada novo dia vinha com mais facilidade e fluência, devido à experiência adquirida com o dia anterior. Foi, sem dúvida, parte essencial à minha formação.

Apesar de não contar com uma qualidade técnica impecável, o resultado final do projeto foi bastante satisfatório e correspondeu às expectativas. O filme pode não obter o agrado de um público extremamente vasto ou ter características tradicionais, mas ele certamente ganha o espectador curioso com sua simpatia, leveza e inusitada junção de personagens.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MELLO FILHO, Júlio de. *Identidade médica: implicações históricas e antropológicas*, pág 22. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MELO, Augusto Luis Nobre de. *Psiquiatria* Vol. 1, pág 402. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: FENAME, 1979

APÊNDICE A**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a aluna Beatriz Goldenberg, portadora do RG 23.779.009-2 DETRAN e CPF 120.260.057-37, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, Habilitação Radio e TV na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e em eventuais exibições para as quais o citado vídeo for selecionado no Brasil ou no exterior, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Rio de Janeiro, _____ de _____ 2010.

Assinatura: _____

Nome: _____

End.: _____

CPF: _____

APÊNDICE B – Lista de material

Câmera:

- Canon 5D

Equipamento de Luz:

- Kino 1,2mts 4 lamp (1)
- Kino 0,6mts 4 lamp (1)
- Bandeira pequena (1)
- Bandeira média (1)
- Cabeças de efeito (4)
- Tripés century (4)
- Vareta extensora (1)
- Transformador 110-220v (1)
- Caçapa (regua) (1)
- Prolongas 10mts (3)
- 3T (2)
- Sacos de areia (4)

Equipamento de Som:

- Lapela SONY URX-P2

APÊNDICE C – Orçamento

Orçamento Final - CATATIMIA				
	Unidade	Quantidade	Valor por unidade (R\$)	Valor Total (R\$)
Aluguel de equipamento				
Lapela	Dia	6	60,00	360,00
Câmera Canon 7D	Dia	1	200,00	200,00
Lente para câmera Canon 5D	Dia	1	100,00	100,00
Equipamento de Luz	Final de Semana	2	400,00	800,00
Compra de equipamento				
HD externo 500gb	Unidade	1	215,00	215,00
HD externo 500gb	Unidade	1	220,00	220,00
HD externo 2tb	Unidade	1	670,00	670,00
Pilhas	Pacote	5	10,00	50,00
Transporte				
Táxi				100,00
Gasolina				160,00
Alimentação				
Almoço 12/09				150,00
Almoço 25/11				116,00
Almoço 26/11				100,00
TOTAL				R\$ 3241,00

APÊNDICE D – Cronograma de Filmagem

Pré Produção:	
Agosto	Pesquisa de personagem; discussões e idéias sobre o projeto.
Setembro	Formaçao de equipe, contato com equipamentos, agendamento das entrevistas.
Produção	
11/09	Entrevistas: Suely (1960) e Lucila (1950)
12/09	Entrevistas: Jorge (1930) e Ana (2002)
25/11	Entrevistas: Solange (1940) e Mitzi (1910)
26/11	Entrevista Paula (1980)
02/11	Entrevista Maria (1920)
11/11	Entrevistas: Reginaldo (1970) e João (1990)
Pós Produção	
Outubro / Novembro	Edição de imagem e finalização